

# ÍNDICE

Nota Editorial.....	11
Prefácio.....	13

## TEXTOS DE VÁRIA ESCRITA

Apontamentos e Fragmentos.....	33
A Fenomenologia do Narcisismo em Álvaro Ribeiro .....	52
Memórias Cruzadas .....	56
Diálogo sobre a Pátria .....	59

## DIÁLOGOS DO MÊS DE OUTUBRO

[Plano da Obra].....	67
[Explicação] .....	69
Primeira Conversa ( <i>Dies Lunae</i> ) .....	76
Segunda Conversa ( <i>Dies Martis</i> ).....	83
Terceira Conversa ( <i>Dies Mercurii</i> ) .....	90
Quarta Conversa ( <i>Dies Jovis</i> ) .....	101
Quinta Conversa ( <i>Dies Venus</i> ) .....	106
Sexta Conversa ( <i>Dies Saturni</i> ) .....	114
Sétima Conversa ( <i>Dies Solis</i> ).....	122



## CORRESPONDÊNCIA COM ÁLVARO RIBEIRO

Carta I .....	133
Carta II.....	135
Carta III .....	136
Carta IV .....	138
Carta V.....	139
Carta VI.....	140
Carta VII .....	142
Carta VIII.....	145
Carta IX.....	145
Carta X.....	146
Carta XI.....	147
Carta XII .....	149
Carta XIII.....	150
Carta XIV.....	151
Carta XV .....	152
Carta XVI.....	152
Carta XVII.....	153
Carta XVIII .....	154
Carta XIX.....	155
Carta XX.....	156

## CORRESPONDÊNCIA COM JOSÉ MARINHO

Carta I .....	161
Carta II.....	161
Carta III .....	163
Carta IV .....	166
Carta V.....	169
Carta VI.....	172

**TRINTA CARTAS PARA  
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO**

Carta I.....	177
Carta II.....	178
Carta III.....	179
Carta IV.....	180
Carta V.....	182
Carta VI.....	183
Carta VII.....	185
Carta VIII.....	186
Carta IX.....	188
Carta X.....	189
Carta XI.....	190
Carta XII.....	191
Carta XIII.....	192
Carta XIV.....	194
Carta XV.....	196
Carta XVI.....	197
Carta XVII.....	198
Carta XVIII.....	199
Carta XIX.....	203
Carta XX.....	206
Carta XXI.....	207
Carta XXII.....	209
Carta XXIII.....	211
Carta XXIV.....	212
Carta XXV.....	214
Carta XXVI.....	215
Carta XXVII.....	217
Carta XXVIII.....	219
Carta XXIX.....	220
Carta XXX.....	221

## DE O SETUBALENSE

Notas sobre o Ensino da Poesia ..... 225

### *A Polémica com João Rêgo*

O Código de Barras, as Corridas de Toiros e a Geografia,  
por João Rêgo ..... 229  
Reabilitação do Touro ..... 244  
Razões, por João Rêgo ..... 248  
Meu Caro João Raposo Nunes ..... 250

## BELLUM SINE BELLO

O Passeio que Ficou por Contar ..... 255  
Uma Carta de António Telmo sobre o Surrealismo,  
por António Cândido Franco ..... 257

## TEXTOS DE FILOSOFIA EXTRAVAGANTE

Apresentação ..... 265  
Carta a Pedro Martins ..... 268

## MARGINÁLIA

Carta de Henri Gouhier para António Telmo ..... 275  
A Palavra Perdida, por Afonso Botelho ..... 276  
Para uma Reintegração, por Dalila Pereira da Costa ..... 278  
António Telmo (Carta a João Rêgo),  
por António Cândido Franco ..... 280

## NOTA EDITORIAL

Entre apontamentos e fragmentos, são vinte e cinco os escritos dispersos ou ainda inéditos que abrem o primeiro capítulo deste Volume X das Obras Completas de António Telmo, intitulado *Textos de Vária Escrita* e completado por dois outros textos provenientes do espólio do filósofo, que só agora se dão a lume, e uma sua carta publicada na revista *Escola Formal*, de que foi colaborador.

O segundo capítulo é integralmente preenchido pelos *Diálogos do Mês de Outubro*, de que toma o respectivo título. Obra incompleta e não raro fragmentária, seguramente destinada a uma primitiva versão do livro *Filosofia e Kabbalah*, foram as suas partes objecto de uma organização conjectural, das correspondentes intervenções editoriais em notas se dando conta ao leitor.

Seguem-se, como outros tantos capítulos, três epistolários anotados: *Correspondência com Álvaro Ribeiro* e *Correspondência com José Maranhão*, parcialmente inéditos, reconstituindo-se, tanto quanto possível, os carteiros em apreço na sua integralidade; e *Trinta Cartas para António Cândido Franco*, onde apenas se recolheu, e ainda assim parcialmente, a correspondência de António Telmo para o escritor, por ter sido essa a vontade deste, que naturalmente nos coube respeitar.

No sexto capítulo reúne-se a colaboração de António Telmo no jornal *O Setubalense*, em grande parte constituída pela polémica que aí manteve, na página cultural *Arca do Verbo*, com o seu discípulo João Rêgo.



Uma outra polémica, sob o título *Bellum sine Bello*, com António Cândido Franco, ocupa o sétimo capítulo, assim se dando conclusão ao que, ainda em vida do filósofo, em capítulo autónomo de *Congeminações de um Neopitagórico* (2006), sob aquele mesmo título, se arquivara.

Por fim, no oitavo e derradeiro capítulo reúnem-se dois textos publicados por António Telmo no primeiro dos *Cadernos de Filosofia Extravagante*, intitulado *Universalidades*.

Em marginalia, publica-se uma carta de Henri Gouhier para António Telmo encontrada no espólio de Álvaro Ribeiro, juntamente com as cartas que o filósofo da *razão poética* escreveu ao seu mestre, artigos de Afonso Botelho e Dalila Pereira da Costa sobre António Telmo, publicados num dos dois números com que a já referida *Arca do Verbo* o homenageou em 1991, e uma carta aberta de António Cândido Franco a João Rêgo, no âmbito da polémica, já referida, que este manteve com António Telmo naquele suplemento.

Na fixação do texto, face a palavras que suscitaram dúvidas ou se revelaram de muito difícil compreensão nos originais manuscritos, assinalamos no próprio texto – com recurso ao sinal “[?]” associado às mesmas – ou em nota a(s) possibilidade(s) de leitura. Reconstitui-se ainda conjecturalmente o léxico em falta, dando-o em parêntesis rectos.

Genericamente, corrigiram-se erros patentes, sobretudo de pontuação, sem, por via de regra, se assinalar essa intervenção.

Algumas palavras finais de agradecimento são devidas: a Risoleta C. Pinto Pedro, que recolheu e transcreveu alguns dos escritos reunidos neste volume; a Rui Lopo, que transcreveu a *Correspondência com José Marinho*; a António Cândido Franco, por generosamente ter posto à nossa disposição as cartas que António Telmo lhe escreveu, e pelas informações e testemunhos que nos prestou; a Jorge Croce Rivera, que gentilmente nos facultou cópias das cartas de António Telmo para José Marinho; e a Renato Epifânio que, enquanto Director da *Nova Águia*, revista à qual estava já confiada para publicação a correspondência, em grande parte ainda inédita, entre António Telmo e José Marinho, pronta e compreensivamente anuiu a ali prescindir da sua publicação.

PEDRO MARTINS



## PRIMEIRA CONVERSA (DIES LUNAE)

[Versão “A”]

JOSÉ<sup>9</sup>

Convido-vos a *sentir* este momento como convém que seja sentido, antes de começarmos a conversar. Sabeis o que significo por *sentir*: uma perfeita atenção à paisagem, ao lugar, à hora e, ao mesmo tempo, a quem, em nós, presta atenção. Trata-se de realizar aquilo a que Plotino chamava uma *sinestesia*. Criaremos, segundo as regras, o éter para a comunicação dos nossos espíritos, que, caso não for assim, ficarão separados, como é habitual entre os espíritos humanos, por um elemento denso.

ÁLVARO

O Conde Joseph de Maistre nos seus *Serões de São Petersburgo*, constituídos por onze conversas a três, avisa contra os perigos das reuniões dos homens pois o três suscita a presença de um quarto, mas invisível. O *Timeu* de Platão começa assim: Um, dois, três. Onde está o quarto?

Compreendo muito bem que você pretenda que preparemos as nossas almas para que o quarto lugar não seja ocupado por um espírito indesejável.

---

<sup>9</sup> N. do O. – António Telmo substituiu pelo de “José” o nome “Marinho”, primeiramente manuscrito no original e por si riscado, situação que quase sempre se irá repetir ao longo deste diálogo.



LEONARDO<sup>10</sup>

Recordo-vos, meus senhores, e perdoarão ao católico que vo-lo recorde, que o Mestre de toda a sabedoria diz, nos Evangelhos, que onde estiverem três ele estará presente. Mas Jesus Cristo falava aos Apóstolos, aos Discípulos. Por mim, que não recebi a ordenação sacerdotal, preferiria que puséssemos de parte essas preocupações, dando à religião o que é da religião e à filosofia o que é da filosofia. Para rezar tenho as igrejas e, se rezo fora delas, no silêncio nocturno do meu quarto ou em família, faço-o ainda de acordo com as prescrições eclesiais. Há, como sabeis, um texto fixado para as orações. Creio não me enganar pensando ser aquilo que o nosso amigo nos aconselha uma espécie de oração, na qual participa muito mais o sentimento da natureza do que o sentimento de Deus. Perdoem-me, mas não tenho culpa de ver qualquer coisa de pagão naquilo que você, José, aconselha e você, Álvaro, subscreve.

Não significo com isto que defenda e vos persuada a conversarmos longe *do que mais importa*, como dizia o mesmo Plotino que acabou de citar. Penso que a filosofia é a actividade do pensamento, vivendo pelo espírito, do espírito e no espírito. “O pensamento tem em si a própria garantia”, afirmou-o Leonardo Coimbra que não deixou, apesar disso, de converter-se ao catolicismo, de aceitar os seus dogmas, de praticar os seus ritos e de seguir a sua doutrina.

ÁLVARO

Eis um belo e difícil assunto para conversarmos, as relações da filosofia e da religião. O problema parece ter sido conduzido insensivelmente para saber se é possível uma teologia sem a revelação de Deus

---

<sup>10</sup> N. do O. – Não obstante nos ter apresentado, na por nós designada versão “A” da *Explicação*, Eudoro como um dos três interlocutores destes diálogos, e de, inicialmente, haver sido esse o nome aposto neste passo do original manuscrito, António Telmo, a anteceder esta e as demais falas da personagem correspondente a esse mesmo nome, virá no manuscrito desta primeira conversa, de modo quase sistemático, a riscá-lo e a substituí-lo pelo nome “Leonardo”, em congruência com o que enunciou na versão “C” daquela *Explicação*: “Explicação das conversas”. O mesmo não sucede já noutros diálogos do conjunto, assim se denotando uma hesitação que se nos afigura não ter sido vencida.





## NOTAS SOBRE O ENSINO DA POESIA<sup>95</sup>

É a poesia coisa que se ensine? É possível fabricar poetas? Ou em termos mais vagos, é ensinável a criatividade?

Esse extraordinário filme que é «O Clube dos Poetas Mortos» mostrou-nos um professor que, contra a corrente de um ensino feroz, fez da sua turma um grupo de seres livres, de revolucionários da alma, trazendo para entre aquelas paredes a beleza e a alegria vivida em espírito e em verdade.

Aquele professor é assistido pelo génio da persuasão poética, mas será possível sistematizar o tipo de ensino que, pelo seu exemplo, o filme nos propõe? Quem diz sistematizar diz tornar comum ou social.

Tal o problema que nos põe a Escola Cultural de Manuel Patrício, defendendo a existência de clubes de criatividade, não só no domínio da poesia, seguindo paralela e em relação vivente com a dimensão curricular. Pessoalmente não creio que seja possível fabricar o espírito inventivo, mas do que não deve haver dúvidas é que é possível um ensino que não *mate* a possibilidade desse espírito se manifestar. A «terra virgem» não necessita de «cultura»; tudo procede dela espontaneamente, mas na terra mais grosseira há uma virgindade que se oculta.

Para a desocultar é precisa a cultura.

Não quererá o João Raposo Nunes, essa alma excepcional de poeta, promover um debate só entre poetas no seu ninho de Setúbal, em que, depois da exibição do filme, se conversaria sobre o modo de trazer para as nossas escolas o que ele nos propõe?

---

<sup>95</sup> N. do O. – Publicado originalmente em *O Setubalense*, suplemento *Artes e Letras*, de 25 de Novembro de 1992.

